



UC/FPCE_2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Confiança Interpessoal e Problemas de Comportamento
na Adolescência**

Carla Manuela Matos Martins da Costa (e-mail:
carlammmcosta@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento
e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Maria da
Luz Bernardes Rodrigues Vale Dias

Confiança Interpessoal e Problemas de Comportamento na Adolescência

Resumo: No contexto da investigação atual, a confiança interpessoal tem-se destacado como variável de relevo para compreender a adaptação ao meio social e o comportamento nas relações sociais. Neste sentido, a presente investigação pretende explorar a existência de uma relação entre a confiança interpessoal e os problemas de comportamento na adolescência.

Assim, utilizou-se uma amostra de 157 adolescentes (80 rapazes), a frequentar o 7º, 8º e 9º ano de escolaridade, com uma média de idades de 13 anos e 8 meses (DP=0.97). Foi-lhes proposto que respondessem a um Questionário Sociodemográfico, à GTB-LA – *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents* e ao Inventário de Problemas do Comportamento YSR – *Youth Self-Report* de Achenbach.

Os resultados encontrados revelam que existem relações de associação moderadas entre a confiança interpessoal e os problemas de comportamento na adolescência. Também foram encontradas diferenças significativas no que toca ao género.

Em conclusão, esta pesquisa permite destacar a importância do estabelecimento de relações de confiança para o adolescente, uma vez que estas vão interferir na sua capacidade de aprendizagem e adaptação ao meio social, ressaltando-se caminhos específicos para a intervenção psicológica.

Palavras-chave: Confiança Interpessoal, Problemas de Comportamento, Adolescência.

Interpersonal Trust and Behavior Problems in Adolescence

Abstract: In the current research, the interpersonal trust is a fundamental key to understand how people adapt to their social environment as well as their behavior problems in terms of social relationships. Therefore, this research intent to explore if there is a correlation between interpersonal trust and behavior problems during adolescence.

We used a sample of 157 adolescents (80 boys) attending the 7th, 8th, 9th grade, and with a mean age of 13 years and 8 months (SD=0.97). They have been asked to answer a sociodemographic questionnaire, the GTB-LA – *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents* and Achenbach's YSR – *Youth Self-Report*.

The results showed a moderate association linking interpersonal trust and behavior problems in adolescence. We also found significant differences in terms of gender.

In conclusion, this research allows to highlight the importance of a good trust relationships to the adolescent because, once their formed, they will induce their learning ability as much as their social environment adaptation. All the way, we mention specific psychology intervention.

Key Words: Interpersonal Trust, Behavior Problems, Adolescence

Agradecimentos

Aos meus pais, e aos meus irmãos, Cristina e Helder, por acreditarem sempre em mim.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias pelo apoio e orientação facultada nesta investigação.

À Professora Doutora Graciete Franco Borges pela disponibilidade em colaborar.

Aos alunos que aceitaram participar nesta investigação.

Ao João, pelo amor.

Ao meu afilhado, Simão, por me arrancar sempre um sorriso.

À minha “coimbrinha”, Inês, pela amizade, pelos momentos partilhados que guardarei para sempre e pela colaboração intensiva neste trabalho.

À Nádía, pela amizade e cumplicidade. Sem dúvida, do melhor que Coimbra me deu.

À Andreia, pela amizade e por me fazer sentir especial. És especial!

À Rita, pela amizade, pelos momentos partilhados e pelo apoio.

Aos do “Palácio”, que tornaram a minha passagem por Coimbra tão inesquecível. Tenho-vos no meu coração.

À Mariana Carvalho pela ajuda nesta investigação.

Às minhas colegas, Catarina, Mariana e Francisca pela colaboração nesta investigação.

Ao “pessoal” de Barcelos, pelo apoio.

Índice

Introdução	1
1.1. Confiança Interpessoal	3
1.1.1. Em torno da Confiança Interpessoal	3
1.1.2. Teoria e Modelo de Rotenberg.....	5
1.1.3. Confiança Interpessoal na Adolescência.....	6
2. Problemas de Comportamento na Adolescência.....	7
II – Objetivos	10
III - Metodologia.....	11
3.1. Amostra.....	11
3.2. Instrumentos.....	13
3.2.1. Questionário Sociodemográfico.....	14
3.2.2. <i>Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents</i> – GTB-LA.....	14
3.2.3. <i>Youth Self Report</i> - YSR	14
3.3. Procedimentos de Investigação.....	15
3.4. Procedimentos Estatísticos.....	16
IV – Resultados.....	17
4.1. Descritivas das Variáveis em Estudo	17
4.1.1. Consistência Interna.....	18
4.2. Análise Inferencial	18
V - Discussão	23
VI - Conclusões.....	27
Bibliografia	28
Anexos	32

Índice de Tabelas

Tabela 1. Dados descritivos – Idade (N=157).....	11
Tabela 2. Dados descritivos – Sexo (N=157).....	11
Tabela 3. Dados descritivos – Língua Materna (N=157)	12
Tabela 4. Dados descritivos – Escolaridade (N=157)	12
Tabela 5. Dados descritivos – Agregado Familiar (N=157)	12
Tabela 6. Dados descritivos – Nível Socioeconómico (N=157)	13
Tabela 7. Dados descritivos – Poder Interpessoal na família (N=157)	13
Tabela 8. Dados descritivos – Prestígio Interpessoal na família (N=157).....	13
Tabela 9. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo (N=157)	17
Tabela 10. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal	18
Tabela 11. Valores do Coeficiente de Correlação de Spearman para a Confiança Interpessoal vs. Problemas de Comportamento	19
Tabela 12. Valores de U para os Comportamentos Externalizantes e Internalizantes - Rapazes vs. Raparigas	19
Tabela 13. Valores do Coeficiente de Correlação de Spearman para a Confiança Interpessoal nos diferentes alvos vs. Problemas de Comportamento.....	20
Tabela 14. Valores do Coeficiente de Correlação de Spearman para as dimensões da Confiança Interpessoal vs. Problemas de Comportamento.....	21
Tabela 15. Valores de U para a Confiança Interpessoal - Rapazes vs. Raparigas.....	21
Tabela 16. Valores de χ^2 para a Confiança Interpessoal e Problemas de Comportamento segundo o N.S. baixo, médio ou elevado	22

Introdução

A Confiança Interpessoal é um fenómeno interdisciplinar essencial para compreender o funcionamento das relações sociais. Assim, pode ser considerada como um constructo universal e vital para o funcionamento da sociedade e do indivíduo (Evans & Kruger, 2011; Rotenberg, 1991, 2010; Tschannen-Moran & Hoy, 2000).

As relações de confiança experienciadas em criança associam-se a um elevado grau de confiança sentido na adolescência, tratando-se dos principais agentes de socialização na infância (e.g. cuidadores) o apoio na modelação das crenças generalizadas de confiança nos outros.

Sendo que a adolescência é caracterizada por um período de transição, onde ocorrem “mudanças que perturbam o equilíbrio interno do sujeito” (Coslin, 2002, p. 30), e onde emerge uma reestruturação do eu (Coslin, 2002), a qualidade das relações de vinculação entre pais e filhos é de extrema importância, na medida em que, criados vínculos seguros, o adolescente vai encarar o meio ambiente como um lugar confiável, desenvolvendo comportamentos adequados ao meio social, ao invés de condutas desviantes.

Assim, esta investigação pretende encontrar resultados que explorem a existência de uma relação entre a confiança interpessoal e os problemas de comportamento na adolescência, uma vez que as relações de confiança e os laços de vinculação experienciados em criança influenciam a capacidade do adolescente se adaptar ao meio social.

Para tal, foi aplicada uma Escala de Confiança Interpessoal *GTB-LA – Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents* (Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock, & Harmon, 2010; versão portuguesa, *CGC-A - Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência tardia*, Vale-Dias & Franco Borges, 2014), um Inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes (*Youth Self-Report - YSR*) de Achenbach, 1991 – versão portuguesa de Fonseca e Monteiro, 1999 e um Questionário Sociodemográfico para obter informações pessoais dos sujeitos.

Este estudo pretende, também, dar seguimento a investigações anteriores relativas à confiança interpessoal, no sentido de contribuir para a adequação de uma versão portuguesa da escala *GTB-LA*. O modelo da confiança interpessoal de Rotenberg será fulcral nesta pesquisa.

Ao longo do processo de preparação e revisão de literatura, constatou-se que existem poucas investigações que associem a confiança interpessoal aos problemas de comportamento, o que se torna, por um lado, uma limitação para este estudo e, por outro lado, um passo inovador ao contribuir para investigações futuras.

A estrutura deste estudo obedece à seguinte ordem: I) Enquadramento concetual, onde serão apresentados conceitos e teorias essenciais no âmbito dos constructos em estudo, designadamente as crenças de confiança interpessoal, o Modelo de Rotenberg, e os problemas de comportamento na

adolescência; II) Objetivos e hipóteses da investigação; III) Metodologia, procedimentos de investigação e procedimentos estatísticos, onde serão descritos os instrumentos de avaliação, os procedimentos utilizados aquando da recolha de dados e os testes utilizados para a realização da análise estatística; IV) Apresentação e descrição dos resultados; V) Discussão dos resultados, tendo em conta a revisão de literatura; VI) Conclusões do estudo, onde serão condensadas as deduções primordiais da investigação, implicações teórico-práticas, limitações e algumas ideias para investigações posteriores.

I – Enquadramento concetual

1.1. Confiança Interpessoal

1.1.1. Em torno da Confiança Interpessoal

Atualmente, não está encontrada uma definição de Confiança Interpessoal universalmente aceite devido à sua complexidade e às suas múltiplas imbricações (Kuryan, Kitner, & Watkins, 2010). No entanto, sabe-se que é um fenómeno interdisciplinar essencial para compreender o funcionamento das relações sociais. Por isso, pode ser considerada um constructo vital para o funcionamento da sociedade e do indivíduo (Evans & Kruger, 2011; Rotenberg, 1991, 2010; Tschannen-Moran & Hoy, 2000).

A confiança começou por ser definida em termos comportamentais e, mais tarde, no final dos anos 60, Rotter passou a considerá-la não só do ponto de vista comportamental, mas também em termos cognitivos e comunicacionais.

Segundo a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson, numa perspetiva comportamental, é durante a primeira fase do desenvolvimento humano que o indivíduo aprende a confiar no ambiente e em si mesmo. Esta teoria postula que o desenvolvimento humano ocorre desde o nascimento até ao fim da vida “considerando a interação do indivíduo com o seu meio (afetivo, social, cultural e histórico)” (Costa & Silva, 2005, p. 111). Das diferentes tarefas psicossociais nomeadas por Erikson, a que importa referir neste estudo é a confiança básica vs desconfiança, onde ocorre o estabelecimento dos modelos mentais sobre relações, que vão afetar o posterior desenvolvimento de relações sociais (Rotenberg, 2001). Nesta tarefa psicossocial, quando a mãe se ausenta, o bebé cria a esperança de que ela vai regressar. Quando experiencia positivamente esta descoberta, isto é, quando a mãe confirma as suas expectativas e esperanças, surge a confiança básica (a criança percebe que o mundo é bom e confiável). Se isto não acontecer, surge a desconfiança, ou seja, o sentimento de que o mundo não corresponde às suas expectativas.

Rotter defende que o comportamento humano é aprendido no processo de interação pessoal. Assim, na Teoria da Aprendizagem Social, descreve a Confiança Interpessoal como uma “expectativa generalizada suportada por um indivíduo ou grupo em que a palavra, promessa, declaração verbal ou escrita de outro indivíduo ou grupo, pode ser invocada” (Szczeniak, Colaço, & Rondón, 2012, p.51). Isto é, crianças que experienciam uma grande proporção de promessas cumpridas pelos pais e outras figuras de autoridade, na infância, têm maior expectativa generalizada para confiar noutras figuras de autoridade (Rotter, 1967). O mesmo autor refere que a confiança interpessoal é um dos fatores mais poderosos que influenciam positivamente

as relações e o bem-estar físico dos jovens (Rotter, 1973). Desta feita, é essencial considerar a interação do sujeito com o seu meio ou a sua situação psicológica. Conforme se nota, esta teoria descreve o comportamento como uma função das expectativas, do valor do reforço e do impacto das situações psicológicas, destacando a cognição e o comportamento, as expectativas e os reforços, as características individuais e as influências situacionais (Barros, 1991).

A Teoria da Aprendizagem Social foi, mais tarde, desenvolvida por Bandura, que postula que uma parte significativa daquilo que o indivíduo aprende resulta da imitação, modelagem ou aprendizagem observacional (Bandura, 1977). Isto é, os atos extremamente violentos não são espontâneos, são aprendidos e treinados para posteriormente serem executados. A qualidade da adaptação da criança realiza-se através das primeiras interações com o contexto em que se inserem, onde desenvolvem aspetos relacionados com a reciprocidade, vinculação e estabilidade. Mais tarde, afastando-se do contexto familiar, a criança estabelece relações com o seu grupo de pares, proporcionando oportunidades de cooperação interpessoal, promovendo, assim, a aprendizagem e o desenvolvimento de interações saudáveis. Em contrapartida, interações pobres e/ou conflituosas geram na criança sentimentos de rejeição, prejudicando o seu desenvolvimento e conseqüentemente, a manifestação de comportamentos desadaptativos (Lisboa & Koller, 2001). Assim, “a aprendizagem é, essencialmente, uma atividade de processamento de informação, permitindo que condutas e eventos ambientais sejam transformados em representações simbólicas que servem como guias de ação” (Bandura, 1986, citado por Vasconcelos, Praia, & Almeida, 2003, p. 13).

Na Teoria da Vinculação de Bowlby, o sentido de confiança está fortemente ligado às relações precoces de apego. A partir das interações repetidas com a figura de vinculação, a criança vai desenvolvendo conhecimentos e expectativas sobre o modo como essa figura responde e é acessível aos seus pedidos de proximidade e proteção. Isto é, quando as interações entre as crianças e os seus principais cuidadores são caracterizadas por afetos e vínculos de segurança, as crianças recebem informação de que são importantes, processam este conhecimento e aprendem que podem confiar nos outros quando necessitam (Szczeniak, Colaço, & Rondón, 2012). Esta informação é progressivamente organizada em Modelos Internos Dinâmicos (MID), que podem ser definidos como representações generalizadas do *self*, das figuras de vinculação e das relações (Pacheco, Ferrer, & Figueiredo, 2003). Bowlby defende que a saúde mental se apoia na qualidade dos cuidados parentais adquiridos nos primeiros anos de vida, tornando-se estes fulcrais no delinear das trajetórias desenvolvimentais futuras (Bowlby, 1989, 1984, 1998, citado por Pinhel, Torres, & Maia, 2009). Os MID ajudam na compreensão da relação entre vinculação, desenvolvimento e saúde mental. Estes são estabelecidos ativamente pelo indivíduo no contexto de interações repetidas com os cuidadores e pela inclusão de expectativas relacionais posteriores. Agem

como guias para a interpretação dos acontecimentos interpessoais, regulando as expectativas e os comportamentos, e controlando futuras interações (para revisão de literatura cf. Pinhel, Torres, & Maia, 2009).

Segundo uma abordagem ecológica, Grazyna Kochanska e colaboradores (Kochanska, Aksan, Penney, & Boldt, 2007) demonstraram que pessoas com lembranças instáveis e infelizes da sua vida familiar e escolar são menos otimistas e confiantes e, portanto, têm menos interações construtivas com outras crianças (Szczesniak, Colaço, & Rondón, 2012).

Assim, níveis altos de confiança nas relações precoces formam as bases psicológicas para o bom funcionamento das relações na vida adulta (Simpson, 2007).

É apresentada, de seguida, a Teoria e Modelo de Rotenberg, no sentido de perceber melhor o constructo da confiança interpessoal.

1.1.2. Teoria e Modelo de Rotenberg

Rotenberg e seus colaboradores (Rotenberg, 1994; Rotenberg, 2001; Rotenberg, Boulton, & Fox, 2005; Rotenberg, MacDonald & King, 2004; Betts, Rotenberg, & Trueman, 2008) desenvolveram o Modelo da Confiança Interpessoal, no qual esta investigação se debruça.

Neste modelo existem 3 bases de confiança, 3 domínios e 2 dimensões-alvo.

As 3 bases de confiança são: (a) fidelidade, (b) confiança emocional e (c) honestidade. A *fidelidade* diz respeito ao cumprimento da palavra ou promessa; a *confiança emocional* pressupõe que os outros se abstêm de causar danos emocionais, estão disponíveis para revelações, mantendo confidencialidade, privando-se de críticas e evitando atos que provoquem constrangimento (Rotenberg, Boulton, & Fox, 2005); a *honestidade* caracteriza-se por dizer a verdade, dedicando-se a comportamentos que sejam guiados por intenções benignas e estratégias genuínas em detrimento de intenções maliciosas e estratégias manipulativas e enganadoras (Rotenberg, 2001; Rotenberg, 2010; Rotenberg, MacDonald & King, 2004).

Relativamente aos 3 domínios, (a) o *cognitivo/afetivo*, diz respeito às crenças ou atribuições individuais de que os outros demonstram as 3 bases de confiança (fidelidade, confiança emocional e honestidade); (b) a *confiança dependente do comportamento (behavior-dependent)* refere-se a comportamentos baseados nas ações dos outros, sendo estes a referência para os comportamentos assumidos (Rotenberg, 2010); (c) a *iniciativa de comportamento (behavior-enacting)* abrange o envolvimento comportamental do indivíduo na promulgação das três bases de confiança (Rotenberg, 2010; Rotenberg, Betts, Eisner, & Ribeaud, 2012).

As 2 dimensões-alvo da confiança compreendem: (a) *especificidade*,

que varia do geral para uma pessoa específica; e (b) *familiaridade*, que varia desde o não familiar até ao muito familiar (Rotenberg, 2010).

A presente investigação cinge-se às relações de confiança dos adolescentes com as suas figuras importantes, na medida em que estas relações vão interferir na capacidade da sua adaptação ao meio social e, conseqüentemente, permitir um comportamento (mal) adaptativo à sociedade em que está inserido.

1.1.3. Confiança Interpessoal na Adolescência

É na infância, durante a primeira fase do desenvolvimento, que as crianças aprendem a confiar em si mesmas e no ambiente que as rodeia, experienciando, por parte das figuras significativas, preocupação, afeto e ajuda nas suas necessidades básicas. Caso contrário, aprendem a desconfiar dos outros de forma exagerada, criando representações do mundo como um lugar desprezível (Szczesniak, Colaço, & Rondón, 2012), demonstrando dificuldades em construir as suas competências sociais.

A criança terá complicações, futuramente, em estabelecer relações de confiança, pois, segundo Ainsworth (1965), na Teoria da Vinculação, elas não têm a representação mental da experiência de confiança, que poderia orientá-las para outras relações significativas (citado por Fuertes & Luís, 2014). As relações de confiança experienciadas em criança associam-se a um elevado grau de confiança na adolescência e na vida adulta (Szczesniak, Colaço, & Rondón, 2012). O desenvolvimento da confiança precoce é importante para as relações das crianças com os pais, para um desenvolvimento psicológico adaptativo e para a saúde mental (Malti, Averdijk, Ribeaud, Rotenberg, & Eisner, 2013).

Num estudo de Hanashima (2007) em adolescentes com isolamento social, verificou-se que as relações com os pais durante a infância eram caracterizadas por rigor, severidade, falta de intimidade, de compreensão e de confiança (citado por Szczesniak, Colaço, & Rondón, 2012).

A confiança interpessoal promove, durante a adolescência, o desenvolvimento e manutenção das relações sociais da infância ao longo da vida (Rotter, 1971, 1980; Rotenberg, 2010).

Blatz (1944) salienta que a confiança aprendida pela criança, na infância, é de grande importância para elas, pois torna-se o protótipo da sua confiança, no futuro, em si mesmas e nos outros. Assim, a confiança em si mesmas e nos outros, não só fornece motivação para interações sociais construtivas no presente, como também estabelece as bases para atitudes positivas para o envolvimento futuro na sociedade (Malti, Averdijk, Ribeaud, Rotenberg, & Eisner 2013). Ainda os mesmos autores consideram haver uma forte ligação entre níveis baixos de confiança interpessoal e

trajetórias de comportamentos desviantes.

A confiança interpessoal na adolescência tem sido pouco estudada (Bernath & Feshbach, 1995), o que torna esta investigação uma mais-valia.

2. Problemas de Comportamento na Adolescência

A adolescência é caracterizada por um período de emergência de novas habilidades num processo de transformação e integração que permite aos indivíduos adaptarem-se ao ambiente e a si mesmos (Morgado & Vale-Dias, 2013). Assim, torna-se pertinente estudar os problemas de comportamento nesta etapa da vida, uma vez que há “um crescente aumento na prevalência e intensidade dos problemas de comportamento, mais especificamente do comportamento antissocial, tanto na infância como na adolescência.” (para uma revisão de literatura cf. Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini, & Hutz, 2005).

A identificação e análise de comportamentos antissociais, especialmente na adolescência, ainda são definidas por um elevado nível de incerteza (Morgado & Vale-Dias, 2013). Na literatura tem sido utilizado, a maioria das vezes, o termo antissocial para descrever problemas de comportamento não específicos, tais como comportamentos delinquentes, comportamentos agressivos e comportamentos de oposição (Pacheco et al., 2005).

Vários fatores parecem contribuir para diferentes trajetórias desviantes, tais como a idade, o género, as condições socioeconómicas, a família, as características psicossociais, a personalidade, a inteligência e o autoconceito. Estes fatores parecem estar relacionados com as características individuais, o ambiente social e as características da família (Morgado & Vale-Dias, 2013).

Em relação à *idade*, a literatura aponta para uma relação entre precocidade e gravidade/persistência, considerando que quanto mais cedo o aparecimento de comportamentos desviantes, mais grave e persistente será o caminho antissocial (Morgado & Vale-Dias, 2013; Pacheco et al., 2005).

As diferenças de *género* em comportamentos antissociais podem ser encontradas nos tipos de comportamentos que são adotados por rapazes e raparigas. A investigação tem demonstrado que a frequência é mais elevada em problemas de comportamento externalizantes nos indivíduos do sexo masculino do que nos do sexo feminino. Os rapazes revelam índices mais altos de distúrbios de conduta e problemas de comportamento antissocial do que as raparigas (Borduin & Schaeffer, 1998). No entanto, o sexo feminino tende a ter mais problemas internalizantes do que o sexo masculino (Leadbeater, Kuperminc, Blatt, & Hertzog, 1999). Esta tendência pode dever-se à maior pressão social para com as raparigas, no sentido da auto-

regulação e sensibilidade às questões interpessoais o que é suscetível de aumentar a sua vulnerabilidade aos problemas internalizantes.

Os problemas de expressão exteriorizada (*Externalizing behavior syndrome*) estão relacionados com a manifestação da agressividade, impulsividade e comportamentos delinquentes. Os problemas de expressão interiorizada (*internalizing behavior syndrome*) envolvem a depressão, ansiedade, isolamento social e queixas somáticas (Fonseca & Monteiro, 1999). Assim, o termo externalização abrange os conflitos com o ambiente e a internalização os conflitos com o *self*.

Relativamente às *condições socioeconómicas*, vários autores têm sugerido a existência de uma associação negativa entre o nível socioeconómico e os comportamentos antissociais. Num estudo sobre o desenvolvimento delinvente, os resultados demonstraram que estes são mais propensos a ter vivido em famílias pobres, dependiam de assistência social e havia negligência quanto à higiene, nutrição e vestuário (Farrington, 2004, 2008, citado por Morgado & Vale-Dias, 2013). Ou seja, a desvantagem socioeconómica está relacionada com trajetórias antissociais mais graves e persistentes, que se propagam para a vida adulta.

A *família* é, também, um fator importante que poderá contribuir para trajetórias desviantes, pois é neste ambiente que as crianças aprendem a comportar-se em contextos interpessoais, e onde desenvolvem os seus “primeiros esquemas socio emocionais, que se tornarão no protótipo das relações sociais” (Haro, 2000, citado por Morgado & Vale-Dias, 2013, p. 438). A forma como os elementos da família interagem é fundamental, uma vez que “a modelação, o reforço e a punição por parte dos pais em relação aos comportamentos apresentados pelos filhos são as chaves de como a família influencia o comportamento de uma criança” (Kauffman, 2005, citado por Cia & Silva, 2012, p. 12). As práticas parentais inadequadas ou ausentes constituem um fator de risco no desenvolvimento da criança, na medida em que esta não interliga os valores associados ao contexto social em que se insere e, conseqüentemente aumenta a vulnerabilidade a eventos ameaçadores externos ao ambiente familiar (Pinheiro, Haase, Del Prette, Amarante & Del Prette, 2006). Por outro lado, um ambiente familiar acolhedor em que é utilizado um padrão adequado de comunicação, promove a sua interação social e, por conseguinte, diminui a probabilidade da criança apresentar problemas de comportamento (Bohanek, Marin, Fivush, & Duke, citados por Cia, Pamplin, & Del Prette, 2006). Assim, um seio familiar caracterizado por estabilidade estrutural, controlo, supervisão, consistência, boa comunicação e vínculos emocionais (Morgado & Vale-Dias, 2013), conseguirá promover comportamentos sociais ajustados, evitando tendências antissociais.

Relativamente às *características psicossociais* sabe-se que, estas competências são determinantes, quer como fatores de proteção, quer como fatores de risco, para guiar as escolhas do indivíduo sobre comportamentos sociais (Mota, Matos, & Lemos, 2011; Selman, & Adalbjarnardottir, 2000, citados por Morgado & Vale-Dias, 2013).

A *personalidade* é também um fator crucial, uma vez que cada pessoa leva para as relações um conjunto de traços e características que poderão influenciar a forma como interagem com os outros. Há diferenças de personalidade entre os indivíduos que manifestam e não manifestam tendências antissociais, sendo a característica geral dos indivíduos com estas propensões, a impulsividade. “Alterações normativas na personalidade podem desempenhar um papel significativo na desistência do crime e comportamento antissocial na transição da adolescência para a idade adulta” (Blonigen, 2010, citado por Morgado & Vale-Dias, 2013, p. 439), isto é, as relações sociais podem prever mudanças na personalidade ao longo do tempo.

A baixa *inteligência* pode colocar as crianças em risco de desenvolver comportamentos antissociais ao longo da vida. Indivíduos com QI baixo tenderão a cometer uma maior frequência de crimes e formas mais graves de delinquência, comparativamente a indivíduos com um QI mais elevado. Este fator parece impedi-los de se envolverem em comportamentos antissociais, o que poderá ser explicado pela ideia de que sujeitos com maior inteligência, têm mais habilidade para resolver problemas e enfrentar os *stressores* ambientais (Dubow & Luster, 1990). Porém, crianças que são cognitivamente mais avançadas do que os seus pares podem enfrentar frustrações que também originam problemas de comportamento (Achenbach, 1991).

O *autoconceito* pode ser definido como “a percepção que o indivíduo tem de si próprio e o conceito que, devido a isso, forma de si” (Serra, 1988). Este tem sido considerado tanto como um fator de risco como um fator de proteção. A investigação tem mostrado que crianças agressivas têm tendência a desenvolver autoconceitos polarizados, isto é, ou mantêm um autoconceito positivo ou negativo. O positivo é associado a uma boa saúde mental, a benefícios educacionais, a um desenvolvimento positivo na adolescência e resultados psicológicos e sociais ajustados (O’Mara, Marsh, Craven, & Debus, 2006, citado por Morgado & Vale-Dias, 2013). O negativo está relacionado com a agressão e com a delinquência.

Em suma, todos os fatores referidos acima parecem ser importantes, mas a literatura em psicologia do desenvolvimento ainda não consegue mostrar clareza em relação ao papel destes no fenómeno antissocial durante a adolescência, designadamente as aptidões sociais, autoconceito, personalidade, ambiente familiar, inteligência e nível socioeconómico (Morgado & Vale-Dias, 2013).

II – Objetivos

A presente investigação foi delineada a partir de alguns objetivos gerais: dar um contributo para o estudo da escala de confiança interpessoal *GTB-LA – Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents* (Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock & Harmon, 2010; versão portuguesa, Vale-Dias & Franco-Borges, 2014); caracterizar a amostra em termos das suas características sociodemográficas, dos seus níveis de confiança interpessoal e dos problemas de comportamento; e explorar as possíveis relações entre as variáveis sociodemográficas, os níveis de confiança interpessoal e os níveis de problemas de comportamento da amostra.

As principais hipóteses do presente estudo estabelecem-se da seguinte forma:

Hipótese 1 – Existe uma relação entre os níveis de Confiança Interpessoal e os problemas de comportamento.

Hipótese 2 – Existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas, no que diz respeito a problemas de comportamento (a) externalizantes e (b) internalizantes.

Hipótese 3 – Existe uma relação entre os níveis das crenças de Confiança Interpessoal nos seus diferentes alvos (pai, mãe, professor, par amoroso e par) e os níveis totais de problemas de comportamento.

Hipótese 4 – Existe uma relação entre os níveis das crenças de confiança interpessoal nas suas diferentes dimensões (honestidade, fidelidade e confiança emocional) e os níveis totais de problemas de comportamento.

Hipótese 5 – Existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas, no que diz respeito aos níveis totais de crenças de confiança interpessoal.

Hipótese 6 – Existem diferenças significativas entre os níveis socioeconómicos (baixo, médio e elevado), no que diz respeito (a) aos níveis totais de crenças de confiança interpessoal e (b) aos níveis totais de problemas de comportamento.

III - Metodologia

3.1. Amostra

A amostra desta investigação foi recolhida em duas escolas pertencentes aos distritos de Coimbra e de Beja. Os sujeitos frequentavam o 7º, 8º e 9º ano de escolaridade. Num total de 157 sujeitos, a média de idades é de 13 anos e 8 meses (DP=0.97). De referir que 3 alunos não responderam (cf. Tabela 1).

Tabela 1. Dados descritivos – Idade (N=157)

	Amostra Total
Média	13.77
DP	0.97
Mínimo	12.2
Máximo	16.8
Não responde	3
Total	157

Relativamente ao sexo dos sujeitos, 51% são do sexo masculino (n=80) e 48.4% são do sexo feminino (n=76), constatando-se, assim, a prevalência superior do sexo masculino nesta investigação. Um sujeito não respondeu (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Dados descritivos – Sexo (N=157)

	N	Percentagem %
Masculino	80	51.0
Feminino	76	48.4
Não responde	1	0.6
Total	157	100

A língua materna é o Português para 97.5% dos sujeitos (n=153) e é diferente para apenas 1.9% dos sujeitos (n=3). Um sujeito não respondeu (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Dados descritivos – Língua Materna (N=157)

	N	Porcentagem %
Português	153	97.5
Outra	3	1.9
Não responde	1	0.6
Total	157	100

Em relação ao ano de escolaridade dos sujeitos, 52.9% frequentam o 7º ano (n=83), 27.4% o 8º ano (n=43) e 19.1% o 9º ano (n=30). Um sujeito não respondeu (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Dados descritivos – Escolaridade (N=157)

	N	Porcentagem %
7º Ano	83	52.9
8º Ano	43	27.4
9º Ano	30	19.1
Não responde	1	0.6
Total	157	100

No que diz respeito ao agregado familiar, 7.6% dos sujeitos vive com o pai ou com a mãe (n=12), 19.7% vive com o pai e com a mãe (n=31), 51.6% vive com o pai, a mãe e outros (n=81), 14% vive com a mãe e outros (n=22), 1.3% vive com o pai e outros (n=2), 4.5% vive com outros (n=7), e 2 não responderam a esta questão (1.3%) (cf. Tabela 5).

Tabela 5. Dados descritivos – Agregado Familiar (N=157)

	N	Porcentagem %
Pai ou Mãe	12	7.6
Pai e Mãe	31	19.7
Pai, Mãe e Outros	81	51.6
Mãe e Outros	22	14.0
Pai e Outros	2	1.3
Outros	7	4.5
Não responde	2	1.3
Total	157	100

O nível socioeconómico¹ é baixo para 23.6% dos sujeitos (n=37), médio para 29.3% (n=46) e elevado para 5.1% (n=8). De salientar que 66 sujeitos não responderam a esta questão (42%) (cf. Tabela 6).

¹ Foi utilizada a classificação do estudo de Simões (1994).

Tabela 6. Dados descritivos – Nível Socioeconómico (N=157)

	N	Percentagem %
Baixo	37	23.6
Médio	46	29.3
Elevado	8	5.1
Não responde	66	42
Total	157	100

Em relação ao poder interpessoal na família, que diz respeito a quem os sujeitos consideram ter, normalmente, as melhores ideias que são seguidas pelos outros membros da família, 28% diz ser o pai (n=44), 64.3% refere que é a mãe (n=101) e 12 não responderam a esta questão (7.6%) (cf. Tabela 7).

Tabela 7. Dados descritivos – Poder Interpessoal na família (N=157)

	N	Percentagem %
Pai	44	28.0
Mãe	101	64.3
Não responde	12	7.6
Total	157	100

Relativamente ao prestígio interpessoal na família, que se refere a quem os sujeitos mais admiram ou mais respeitam na família, 31.2% consideram que é o pai (n=49), 54.8% a mãe (n=86) e 22 não responderam a esta questão (14%) (cf. Tabela 8).

Tabela 8. Dados descritivos – Prestígio Interpessoal na família (N=157)

	N	Percentagem %
Pai	49	31.2
Mãe	86	54.8
Não responde	22	14.0
Total	157	100

3.2. Instrumentos

Aplicaram-se três questionários nesta investigação: um Questionário Sociodemográfico (cf. Anexo I), a Escala de Confiança Interpessoal GTB-LA – *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents* (Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock & Harmon, 2010; versão portuguesa, Vale-Dias &

Franco-Borges, 2014) e o Inventário de Problemas do Comportamento YSR – *Youth Self-Report* (Achenbach, 1991; versão portuguesa, Fonseca & Monteiro, 1999) (cf. Anexo II).

3.2.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi elaborado para este estudo, a partir de um modelo de Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008). Contém 13 questões relativas à caracterização dos sujeitos, à situação atual dos pais (nível de educação, emprego e ocupação) e a situação relacional dos pais (estatuto marital). De salientar que, para categorizar a variável nível socioeconómico foi tido como referência o estudo de Simões (1994).

3.2.2. *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents* – GTB-LA

A escala *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents* – GTB-LA (Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock & Harmon, 2010), foi adaptada para a língua portuguesa – *Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência tardia* – CGC-A, por Vale-Dias e Franco-Borges (2014).

Esta escala tem como objetivo avaliar as crenças generalizadas de confiança dos adolescentes e dos adultos emergentes, de acordo com cinco alvos (mãe, pai, professores, pares e par amoroso) e três bases de confiança (fidelidade, confiança emocional e honestidade) (Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock & Harmon, 2010).

A CGC-A tem duas versões: masculina e feminina e é composta por 30 itens que se encontram distribuídos por 2 itens para cada alvo e por cada base, dando um total de 6 itens por cada alvo. Cada item requer que o adolescente se imagine numa determinada situação e que responda de acordo com o que faria na mesma.

No que diz respeito às qualidades psicométricas, a escala na versão original tem apresentado uma consistência interna com valores satisfatórios, com os valores do alfa de cronbach oscilando entre .76 para a escala total .67 para a base fidelidade .62 para a base confiança emocional e .65 para a honestidade (Rotenberg et al., 2005).

3.2.3. *Youth Self-Report* - YSR

A adaptação portuguesa do Inventário de problemas do

comportamento para crianças e adolescentes (*Youth Self-Report*) de Achenbach (1991) é da autoria de Fonseca e Monteiro (1999). Consiste num questionário de auto-resposta que tem como principal objetivo conhecer os problemas de comportamento de crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos.

O instrumento contém 112 descrições que avaliam problemas de comportamento e comportamentos socialmente desejáveis. Estas questões compõem a Escala Total de Problemas, que abarca 6 subescalas de avaliação (Comportamento Antissocial, Problemas de Atenção/Hiperatividade, Ansiedade/Depressão, Isolamento, Queixas Somáticas e Problemas de Pensamento/Esquizóide), das quais três são consideradas de Internalização (conflitos com o *self*) – Ansiedade/Depressão, Isolamento e Queixas Somáticas – e duas de Externalização (conflitos com o ambiente) – Problemas de Atenção/Hiperatividade e Comportamento Antissocial.

A cotação é feita a partir de uma escala de tipo *Likert* de 3 pontos (0 – não verdadeira; 1 – às vezes verdadeira; 2 – muitas vezes verdadeira). Pretende-se obter a perceção do adolescente sobre si mesmo e em relação às suas competências ou dificuldades individuais ou grupais.

A versão portuguesa do YSR é um instrumento útil de investigação no domínio da psicopatologia infantil e juvenil. Constitui qualidades psicométricas aceitáveis e, para além do *score* total de problemas, também proporciona indicações específicas sobre variados tipos de perturbações, o que pode estender o seu campo de aplicação (Fonseca & Monteiro, 1999).

Os valores da consistência interna do YSR e das várias subescalas que o compõem são satisfatórios, variando entre .70 e .80 (Fonseca & Monteiro, 1999) nomeadamente, .80 para a subescala Antissocial, .80 para Problemas de Atenção/Hiperatividade, .79 para o fator Ansiedade/Depressão, .70 para o Isolamento, .70 para Queixas Somáticas e .70 para os Problemas de Pensamento.

3.3. Procedimentos de Investigação

A recolha da amostra para este estudo foi realizada em duas escolas pertencentes aos distritos de Coimbra e Beja, nos meses de Maio e Junho. Estes questionários foram entregues a turmas do 7º, 8º e 9º ano de escolaridade. Foi transmitido aos alunos o que se pretendia com o estudo e que este seria totalmente anónimo. Foi entregue aos pais ou cuidadores, previamente, um consentimento informado (cf. Anexo III) para que os adolescentes pudessem participar nesta investigação. Apenas os que tiveram esta autorização fizeram parte desta amostra. A aplicação dos questionários obedeceu à seguinte ordem: Questionário Sociodemográfico; *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents – GTB-LA*; *Children's Dispositional Hope Scale*; *Basic Empathy Scale*; e *Youth Self Report – YSR*. Os questionários

referentes à Esperança e à Empatia fizeram parte do mesmo protocolo, mas não são usados nesta investigação.

3.4. Procedimentos Estatísticos

Para fazer a análise estatística dos dados obtidos, através da amostra recolhida, recorreu-se ao programa *SPSS – Statistical Package of Social Science* - versão 22 para Windows.

Foram utilizadas três medidas estatísticas, as Medidas de Tendência Central (média), as Medidas de Dispersão (desvio-padrão – DP) e as Medidas de Frequência, expostas pelas Frequências Absolutas (N) e Relativas (%), o valor Máximo (Máx.) e o valor Mínimo (Mín.) consoante o que se pretende estudar.

Em primeiro lugar, foram calculados os valores da consistência interna para a Escala Total da Confiança Interpessoal e para cada uma das dimensões (honestidade, fidelidade e confiança emocional) através do cálculo do alfa de Cronbach, utilizando como referência os valores de Pestana e Gageiro (2008)².

Em segundo lugar, foi essencial optar por testes paramétricos ou testes não-paramétricos. Através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, observa-se que este atinge o nível de significância ($p < .05$), (*K-S*, $p = .001$). Assim, a escala da confiança interpessoal não segue uma distribuição normal, o que levou a recorrer a testes não paramétricos.

Com o intuito de averiguar ligações entre a confiança interpessoal e os problemas de comportamento procedeu-se ao cálculo de correlações (coeficiente de correlação de *Spearman*).

Para verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre dois grupos independentes ao nível de uma variável dependente ordinal, realizaram-se Testes de *Mann-Whitney*.

Foi utilizado o Teste de *Kruskal-Wallis* para apurar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre três grupos independentes ao nível de uma variável dependente.

² Pestana e Gageiro (2008) definem valores de alfa de Cronbach inferiores a .60 como inadmissíveis; entre .60 e .70 fracos; entre .70 e .80 razoáveis; entre .80 e .90 bons; e entre .90 e 1 muito bons.

IV – Resultados

4.1. Descritivas das Variáveis em Estudo

Encontra-se na Tabela 9 os dados descritivos de cada uma das variáveis em estudo para a amostra total.

No que diz respeito aos níveis totais das crenças de Confiança Interpessoal podemos verificar que a média é de 98.88 (DP=15.07), variando a pontuação entre 71 (mínimo) e 150 (máximo). Em relação às subescalas da Confiança Interpessoal, a *Honestidade* obteve uma média de 32.61 (DP=5.88), variando as pontuações entre 19 e 50; a *Fidelidade* alcançou uma média de 33.34 (DP=5.79), variando as pontuações entre 22 e 50; a *Confiança Emocional* obteve uma média de 33.07 (DP=5.66), variando as pontuações entre 21 e 50 (cf. Tabela 9).

É possível observar também que os níveis totais dos Problemas de Comportamento apresentam uma média de 24.87 (DP=18.06), variando as pontuações entre 0 (mínimo) e 81 (máximo). Relativamente aos fatores, o *Antissocial* obteve uma média de 3.30 (DP=3.93), variando as pontuações entre 0 e 18; o fator *Atenção/Hiperatividade* obteve uma média de 7.49 (DP=5.21), variando as pontuações entre 0 e 26; o fator *Ansiedade/Depressão* alcançou uma média de 3.70 (DP=4.30), variando as pontuações entre 0 e 20; no fator *Isolamento* a média obtida foi 5.44 (DP=3.04), variando as pontuações entre 0 e 12; no fator *Queixas Somáticas* a média é de 2.82 (DP=2.81), variando as pontuações entre 0 e 14; e, por último, o fator *Problemas de Pensamento/Esquizóide* obteve uma média de 2.03 (DP=2.27), variando as pontuações entre 0 e 10 (cf. Tabela 9).

Tabela 9. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo (N=157)

	M	DP	Min.	Máx.
Total Confiança	98.88	15.07	71	150
Interpessoal				
Honestidade	32.61	5.88	19	50
Fidelidade	33.34	5.79	22	50
Confiança Emocional	33.07	5.66	21	50
Total Problemas de	24.87	18.06	0	81
Comportamento				
Antissocial	3.30	3.93	0	18
Atenção/Hiperatividade	7.49	5.21	0	26
Ansiedade/Depressão	3.70	4.30	0	20
Isolamento	5.44	3.04	0	12
Queixas Somáticas	2.82	2.81	0	14
Problemas de	2.03	2.27	0	10
Pensamento/Esquizóide				

4.1.1. Consistência Interna

Foi testada a fidelidade da Escala de Confiança Interpessoal a partir do cálculo do alfa de Cronbach³, tendo este obtido um valor considerado bom ($\alpha=.866$) (cf. Tabela 10). Procedeu-se de igual forma para as dimensões desta escala. O valor encontrado para a dimensão *Honestidade* é considerado razoável ($\alpha=.706$), para a *Fidelidade* é, também, razoável ($\alpha=.716$), e para a *Confiança Emocional* o valor encontrado é considerado fraco ($\alpha=.680$) (cf. Tabela 10). Como podemos ver na tabela abaixo, todos os valores do alfa de Cronbach superaram os valores obtidos pelo estudo original da mesma escala.

Tabela 10. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal

Dimensões	Alfa de Cronbach	(Rotenberg, 2005)
Honestidade	.71	.65
Fidelidade	.72	.67
Confiança Emocional	.68	.62
Total	.87	.76

4.2. Análise Inferencial

Hipótese 1 – Existe uma relação entre os níveis totais de Confiança Interpessoal e os níveis totais de problemas de comportamento.

Analisando a relação de associação entre os níveis totais de confiança interpessoal e os níveis totais de problemas de comportamento, calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que estamos perante uma correlação negativa entre as duas variáveis ($r_s= -.163$), com uma probabilidade associada de $p=.056$.

Assim, o valor da probabilidade, $p>.05$, permite reter a hipótese nula (H_0), mas $p<.10$, o que nos possibilita concluir que há associação *marginamente significativa*⁴ entre os níveis totais de confiança interpessoal

³ Para calcular o alfa de Cronbach utilizou-se a classificação de Pestana e Gageiro (2008), que definem os valores inferiores a .60 como indamiáveis; entre .60 e .70 fracos; entre .70 e .80 razoáveis; entre .80 e .90 bons; e entre .90 e 1 muito bons.

⁴ “Mais recentemente, a comunidade científica optou por distinguir, dentre os resultados não significativos, aqueles que são inferiores a .10, ou seja, cuja probabilidade de ocorrência devida ao acaso ser 10 em 100 vezes. Estes resultados

e os níveis totais de problemas de comportamento (cf. Tabela 11).

Tabela 11. Valores do Coeficiente de Correlação de Spearman para a Confiança Interpessoal vs. Problemas de Comportamento

	Problemas de Comportamento	Sig.
Confiança Interpessoal (score total)	-.163	.056

Hipótese 2 – Existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas, no que diz respeito a problemas de comportamento (a) externalizantes e (b) internalizantes.

Feita a primeira análise (a), através do teste *Mann-Whitney*, verificamos que $U=2611.500$, com uma significância associada de $p=.841$ (não significativo). Assim, o valor da probabilidade, $p>.05$, permite reter a hipótese nula (H_0) e conseqüentemente concluir que não há diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino no que diz respeito aos problemas de comportamento externalizantes.

Em relação à segunda análise (b), o valor de $U=1888.000$ com uma significância associada de $p=.001$. Dado este valor da probabilidade, $p<.05$, aceita-se H_{2b} e conclui-se que há diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino relativamente aos problemas de comportamento internalizantes.

Tabela 12. Valores de U para os Comportamentos Externalizantes e Internalizantes - Rapazes vs. Raparigas

	Sexo	N	Média	U	Sig.
Comportamentos Externalizantes	M	75	74.18	2611.500	.841
	F	71	72.78		
Comportamentos Internalizantes	M	76	63.34	1888.000	.001
	F	73	87.14		

não são estatisticamente significativos mas, pelo facto de estarem próximos do ponto de corte de .05, são designados por resultados *marginamente significativos* e devem ser relatados como tal” (Martins, 2011).

Hipótese 3 – Existe uma relação entre os níveis das crenças de Confiança Interpessoal nos seus diferentes alvos (pai, mãe, professor, par amoroso e par) e os níveis totais de problemas de comportamento.

Analisando a relação de associação entre os níveis de confiança interpessoal nos seus diferentes alvos e os níveis totais de problemas de comportamento, calculada pelo coeficiente de correlação de *Spearman*, verifica-se que estamos perante uma correlação negativa entre a confiança na mãe e os problemas de comportamento ($r_s = -.194$), com uma probabilidade associada de $p = .021$ (estatisticamente significativo).

Para a relação de associação entre a confiança no professor e os problemas de comportamento, obteve-se uma correlação negativa ($r_s = -.215$), com uma probabilidade associada de $p = .010$ (estatisticamente significativo).

No que diz respeito aos restantes alvos, pai ($r_s = -.070$, $p = .405$), par amoroso ($r_s = -.074$, $p = .378$) e pares ($r_s = -.008$, $p = .927$), pode verificar-se que não há correlações significativas.

Pode concluir-se que se aceita, parcialmente, H_3 , uma vez que apenas em dois alvos (mãe e professor) se encontram correlações estatisticamente significativas (cf. Tabela 13).

Tabela 13. Valores do Coeficiente de Correlação de Spearman para a Confiança Interpessoal nos diferentes alvos vs. Problemas de Comportamento

	r_s	Sig.
Pai	-.070	.405
Mãe	-.194	.021
Professor	-.215	.010
Par Amoroso	-.074	.378
Pares	-.008	.927

Hipótese 4 – Existe uma relação entre os níveis das crenças de confiança interpessoal nas suas diferentes dimensões (honestidade, fidelidade e confiança emocional) e os níveis totais de problemas de comportamento.

A análise da relação de associação entre estas duas variáveis foi testada através do coeficiente de correlação de *Spearman*, onde foi encontrada uma correlação negativa significativa entre a dimensão *Honestidade* e os níveis totais de problemas de comportamento ($r_s = -.201$, $p = .016$).

Relativamente às restantes dimensões, (fidelidade $r_s = -.089$, $p = .296$ e confiança emocional $r_s = -.088$, $p = .300$) não foram encontradas correlações significativas.

Pode concluir-se que se aceita, parcialmente, H_5 , uma vez que apenas existe uma correlação significativa entre a honestidade e os problemas de comportamento (cf. Tabela 14).

Tabela 14. Valores do Coeficiente de Correlação de Spearman para as dimensões da Confiança Interpessoal vs. Problemas de Comportamento

	r_2	Sig.
Honestidade	-.201	.016
Fidelidade	-.089	.296
Confiança Emocional	-.088	.300

Hipótese 5 – Existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas, no que diz respeito aos níveis totais de crenças de confiança interpessoal.

Realizada esta análise através do Teste de *Mann-Whitney*, verifica-se que o valor de $U=2106.500$, com uma significância associada de $p=.011$. Dado este valor da probabilidade (estatisticamente significativo), pode concluir-se que existem diferenças entre rapazes e raparigas, relativamente às crenças de confiança interpessoal. Podemos reparar na tabela 15 que as raparigas revelam ter maiores níveis de confiança interpessoal ($M=84.03$) do que os rapazes ($M=66.09$).

Assim, o valor da probabilidade $p<.05$, permite rejeitar a hipótese nula (H_0) e aceitar a H_5 , e consequentemente concluir que há diferenças significativas entre rapazes e raparigas, relativamente aos níveis totais de confiança interpessoal (cf. Tabela 15).

Tabela 15. Valores de U para a Confiança Interpessoal - Rapazes vs. Raparigas

	Sexo	N	Média	U	Sig.
Confiança Interpessoal (score total)	M	75	66.09	2106.500	.011
	F	74	84.03		

Hipótese 6 – Existem diferenças significativas entre os níveis socioeconómicos (baixo, médio e elevado), no que diz respeito (a) aos níveis totais de crenças de confiança interpessoal e (b) aos níveis totais de problemas de comportamento.

Para a realização desta análise, foi utilizado o teste de *Kruskal-Wallis*. Em relação a (a), o valor de χ^2 é de .855, com uma significância

associada de $p=.652$. Perante este valor da probabilidade, conclui-se que não há diferenças significativas entre os grupos. Também em relação a (b) não foram encontrados resultados significativos ($\chi^2=.278$, $p=.870$).

Assim, o valor da probabilidade $p>.05$, permite reter a hipótese nula (H_0) (cf. Tabela 16).

Tabela 16. Valores de χ^2 para a Confiança Interpessoal e Problemas de Comportamento segundo o N.S. baixo, médio ou elevado

	Nível Socioeconómico	N	Média	χ^2	Sig.
Confiança Interpessoal (score total)	Baixo	36	44.72	.855	.652
	Médio	44	42.95		
	Elevado	8	52.00		
Problemas de Comportamento (score total)	Baixo	34	41.76	.278	.870
	Médio	44	44.52		
	Elevado	8	45.25		

V - Discussão

A presente investigação pretendeu compreender se a confiança interpessoal está relacionada com a presença de problemas de comportamento em adolescentes. Procurou-se, também, dar um contributo para o estudo da Confiança Interpessoal, nomeadamente, para a adaptação da Escala *GTB-LA – Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents*.

Para essa contribuição foram analisados os níveis de consistência interna da escala acima referida através do coeficiente alfa de Cronbach, que obteve um valor considerado bom ($\alpha=.87$), o qual é aceitável para fins de investigação.

Analisando as hipóteses sugeridas, tendo como base a revisão de literatura realizada, foram calculados coeficientes de correlação de *Spearman*, testes de *Mann-Whitney* e de *Kruskal-Wallis*.

O teste da primeira hipótese (H_1) pretendeu analisar a existência de uma associação entre a variável confiança interpessoal e a variável problemas de comportamento. Para testar esta hipótese, utilizou-se o cálculo do coeficiente de correlação de *Spearman* entre as duas variáveis, onde se verificou existir uma correlação negativa baixa ($r_2= -.163$), com uma probabilidade associada de $p=.056$ (não significativo). O valor da probabilidade, $p>.05$, permite-nos reter a hipótese nula (H_0), no entanto, resultados não significativos mas inferiores a .10, por estarem próximos do ponto de corte de .05, devem ser referidos como *marginalmente significativos* (Martins, 2011). Assim, valores mais elevados de confiança interpessoal estão marginalmente associados a valores mais baixos de problemas de comportamento e vice-versa. Isto pode ser explicado pela Teoria Psicossocial do Desenvolvimento Humano de Erikson (1963) que refere a existência de uma relação entre a confiança precoce e o desenvolvimento (mal) adaptativo. Isto é, quando a confiança é percebida na infância, são estabelecidas bases para atitudes positivas no futuro. Caso contrário, e como se verifica nesta hipótese, pode levar a problemas de desenvolvimento de saúde mental e, conseqüentemente, a psicopatologias externalizantes.

A análise à segunda hipótese (H_2) teve como objetivo saber se existem diferenças entre rapazes e raparigas, no que diz respeito a (a) problemas externalizantes e (b) problemas internalizantes. Para testar esta hipótese, foi usado o teste de *Mann-Whitney*, onde se apurou que não existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas relativamente aos problemas de comportamento externalizantes ($U=2611.500$, $p=.841$). Esperava-se que os valores fossem significativos nos adolescentes do sexo masculino, uma vez que vários estudos apontam para a existência de formas mais severas de problemas de comportamento externalizantes nos rapazes (Borduin & Schaeffer, 1998). A tendência para estes terem mais problemas de

comportamento externalizantes do que as raparigas é um dos resultados mais robustos e consistentes nesta área (Leadbeater, Kuperminc, Blatt, & Hertzog, 1999). Isto pode ser explicado pelas diferenças fisiológicas ao nível da agressividade, bem como práticas sociais que enfatizam a auto-afirmação e desvalorizam a empatia e a auto-regulação, deixando os rapazes em maior risco de desenvolvimento de problemas externalizantes (Leadbeater, Kuperminc, Blatt, & Hertzog, 1999). Em relação à possibilidade de existirem diferenças entre rapazes e raparigas nos problemas de comportamento internalizantes foram encontrados resultados estatisticamente significativos ($U=1888.000$, $p=.001$). Dado este valor da probabilidade, conclui-se que as raparigas têm mais problemas de comportamento internalizantes ($M=87.14$) do que os rapazes ($M=63.34$). Os sujeitos do sexo feminino tendem a ter mais problemas de comportamento internalizantes do que os rapazes (Leadbeater, Kuperminc, Blatt, & Hertzog, 1999). Esta propensão pode dever-se à maior pressão social para com as raparigas, no sentido da auto-regulação e sensibilidade às questões interpessoais, o que é suscetível de aumentar a sua vulnerabilidade a estes problemas. Isto faz sentido, na medida em que quando surgem problemas, as raparigas tendem a ter comportamentos internalizados (ansiedade, depressão, queixas somáticas) (Leadbeater, Kuperminc, Blatt, & Hertzog, 1999), em vez de comportamentos externalizantes (agressividade, delinquência).

Para a análise da terceira hipótese (H_3), pretendeu-se saber se há correlação entre os níveis totais de confiança interpessoal nos seus diferentes alvos (pai, mãe, professor, par amoroso e par) e os níveis totais de problemas de comportamento, através do coeficiente de correlação de *Spearman*. Encontrou-se uma correlação negativa entre os níveis de confiança na mãe e os problemas de comportamento ($r_s = -.194$), com uma probabilidade associada de $p=.021$ (estatisticamente significativo). Assim, conclui-se que valores mais elevados de confiança na mãe estão associados a valores mais baixos de problemas de comportamento e vice-versa (valores mais baixos de confiança na mãe, estão associados a valores mais elevados de problemas de comportamento). Se a vinculação na adolescência for efetiva e segura, o adolescente apresenta-se seguro e confiante nas situações de interação. A vinculação constitui um elemento importante das relações do adolescente não só com os pais, mas com outras figuras significativas. Os pais tornam-se um recurso de vinculação de reserva, aos quais o adolescente apela quando confrontado com situações complicadas e de *stress* (Fleming, 1997, citado por Sousa, Araújo, & Vieira, 2014). Também para testar a existência de correlação entre os níveis de confiança no professor e problemas de comportamento foi descoberta uma correlação negativa ($r_s = -.215$), com uma probabilidade estatisticamente significativa de $p=.010$. Isto indica que valores mais elevados de confiança no professor, estão associados a valores mais baixos de problemas de comportamento e vice-versa. Estes resultados podem ser explicados pela qualidade dos laços de vinculação estabelecidos na infância, pois esta poderá afetar a personalidade e a capacidade de aprendizagem e adaptação do adolescente ao ambiente (para revisão de

literatura cf. Sousa, Araújo, & Vieira, 2014), crianças que experienciam uma grande proporção de promessas cumpridas pelas figuras de autoridade, na infância, têm maior expectativa generalizada para confiar noutras figuras de autoridade. No que diz respeito aos restantes alvos (pai, par amoroso e pares), também foram encontradas correlações negativas, como se esperava, mas estas não foram significativas.

A análise à hipótese 4 (H_4) teve como propósito perceber se há correlação entre os níveis de confiança interpessoal nas suas bases (honestidade, fidelidade e confiança emocional) e os níveis totais de problemas de comportamento, a partir do coeficiente de correlação de *Spearman*. Não foram encontrados resultados estatisticamente significativos para as correlações entre as variáveis fidelidade e confiança emocional e problemas de comportamento. No entanto, verificou-se que há uma correlação negativa significativa entre a dimensão honestidade e os problemas de comportamento ($r_s = -.201, p = .016$). Assim, valores mais elevados de honestidade estão associados a valores mais baixos de problemas de comportamento e vice-versa. Isto faz sentido, uma vez que a honestidade é caracterizada por dizer-se a verdade, dedicando-se a comportamentos que sejam guiados por intenções benignas e estratégias genuínas em detrimento de intenções maliciosas e estratégias manipulativas e enganadoras (Rotenberg, 2001; Rotenberg, 2010; Rotenberg, MacDonald & King, 2004).

Para testar a hipótese 5 (H_5) utilizou-se o teste de *Mann-Whitney*, na tentativa de averiguar se há diferenças entre rapazes e raparigas, no que diz respeito aos níveis totais de confiança interpessoal. Verificou-se que o valor de $U=2106.500$, com uma significância associada de $p=.011$. Dado este valor da probabilidade (estatisticamente significativo), pode concluir-se que existem diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos níveis de confiança interpessoal. O sexo feminino revela ter maiores níveis de confiança interpessoal ($M=84.03$) do que os rapazes ($M=66.09$). Estes resultados vão de encontro aos obtidos por Rotenberg et al. (2005). Esta diferença é muitas vezes esperada devido às relações sociais das raparigas serem caracterizadas por maior intimidade, companheirismo e apoio pró-social, comparativamente com os rapazes (Betts, Rotenberg, & Trueman, 2008).

A sexta hipótese (H_6) pretendeu analisar a existência de diferenças entre os níveis socioeconómicos (baixo, médio e elevado), no que diz respeito (a) aos níveis totais de crenças de confiança interpessoal e (b) aos níveis totais de problemas de comportamento, através do teste de *Kruskal-Wallis*. Não foram encontrados resultados estatisticamente significativos para (a) ($\chi^2 = .855, p = .652$), nem para (b) ($\chi^2 = .278, p = .870$). Expectava-se que em relação a (a), os sujeitos com um nível socioeconómico baixo, apresentassem menores níveis de crenças de confiança interpessoal (Chen, 2004, citado por Malti, Averdijk, Ribeaud, Rotenberg, & Eisner, 2013). Relativamente a (b), esperava-se que os sujeitos com o nível socioeconómico baixo mostrassem maiores níveis de problemas de

comportamento. A desvantagem socioeconómica está relacionada com trajetórias antissociais mais graves e persistentes, que se propagam para a vida adulta (Morgado & Vale-Dias, 2013). O reduzido tamanho das respostas a esta questão poderá ter influenciado estes resultados, pois apenas 91 dos 157 sujeitos responderam à questão.

VI - Conclusões

A investigação tem-se interessado pelo papel protetor que as relações de confiança precoces desempenham, funcionando como promotoras de um elevado grau de confiança na adolescência e associando-se a uma melhor adaptação social, com menos problemas de comportamento.

Assim, este estudo pretendeu analisar a relação existente entre as crenças de confiança interpessoal e os problemas de comportamento na adolescência, considerando outras variáveis como o sexo e o nível socioeconómico.

Pode destacar-se como pontos fortes desta investigação o estudo de uma relação que há muito tem sido sugerida pela literatura, com interesse tanto para a compreensão dos processos de adaptação social, como para a compreensão do desenvolvimento normativo. Este estudo tenta ainda dar resposta a uma lacuna detetada na investigação, dado que não existem estudos com estas variáveis a nível nacional e internacional. Destaca-se, como outro aspeto importante, finalmente, o uso de medidas internacionais, o que permite o estabelecimento de comparações transculturais.

No entanto, deve apontar-se algumas limitações. A amostra utilizada é reduzida, o que impede a generalização dos resultados para a população. Assim, seria desejável que em futuros estudos se utilizasse uma amostra mais abrangente. O desequilíbrio das amostras também se tornou uma limitação, uma vez que não existe o mesmo número de sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino. O uso de medidas de auto-relato como fonte de resposta única, o próprio sujeito, levanta problemas de desejabilidade social, sugerindo-se o cruzamento de dados com outras fontes.

Para estudos futuros, seria importante a inclusão de outras variáveis (e.g. estilos educativos parentais, estilos de vinculação, ambiente familiar e personalidade), a exploração da história de socialização ou psicopatologia na família, a comparação com as amostras clínicas ou de grande desvantagem social, o uso de outras medidas que não as de auto-relato ou o cruzamento com outras fontes como pais, pares e professores e estudos de desenho quase-experimental ou experimental ou estudos com amostras de outras culturas.

Seria uma mais-valia explorar as relações de vinculação às figuras importantes do adolescente para se perceber o papel destas no desenvolvimento e manutenção da confiança interpessoal, assim como a sua repercussão nos problemas de comportamento.

Valerá a pena, à luz dos dados revistos e da parte empírica, investir em intervenções psicoeducativas promotoras do estabelecimento de relações de confiança entre os vários meios em que o sujeito se move (e.g. família, escola e comunidade). Assim, seria relevante, por exemplo, promover debates e reflexões em torno da importância da fidelidade, da honestidade e da confiança nas relações interpessoais.

Bibliografia

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the child behavior checklist/4-18 e 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. (2001). Práticas Educativas Maternas e Problemas de Comportamento em Pré-Escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (3), 449-460.
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. (pp. 1-5). General Learning Press.
- Barros, A. M. (1991). Expectativas de controlo interno-externo: Revisão de Literatura e análise dos instrumentos. *Psicologia*, 8 (1), 79-92.
- Bernath, M. S. & Feshbach, N. D. (1995). Children's trust: theory. Assessment, development and research directions. *Applied and Preventive Psychology*, 4, 1-19.
- Betts, L. R., Rotenberg, K. J. & Trueman, M. (2008). The early childhood generalized trust belief scale. *Early Childhood Research Quarterly*, 407, 1-11.
- Blatz, W. E. (1944). *Understanding the young child*. Toronto: Clarke, Irwin & Co.
- Borduin, C. M., & Schaeffer, C. M. (1998). Violent offending in adolescence: Epidemiology, correlates, outcomes, and treatment. In Gullotta, T. P., Adams, G. R., & Montemayor, R. (eds.). *Delinquent violent youth: theory and interventions*. London: Sage Publications.
- Cia, F., & Silva, A. M. (2012). Problemas de comportamento: Implicações ao desenvolvimento. In Cia, F., & Silva, A. M. *Problemas de Comportamento: Conceituação e possibilidades de intervenção para pais e professores*. Paco Editorial.
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, 16 (35), 395-406.
- Coslin, P. G. (2002). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Costa & Silva (2005). Desenvolvimento psicossocial e ansiedades nos jovens. *Análise Psicológica*, 2, 111-127.
- Dubow, E. F. & Luster, T. (1990). Adjustment of children born to teenage mothers: the contribution of risk and protective factors. *Journal of Marriage and Family*, 52 (2), 393-404.
- Eley, T. C., Lichenstein, P., & Stevenson, J. (1999). Sex differences in the etiology of aggressive and nonaggressive antisocial behavior: results from two twin studies. *Child Development*, 70 (1), 155-168.
- Evans, A. M. & Kruger, J. I. (2011). Elements of trust: risk and perspective taking. *Journal of Experimental Psychology*, 47, 171-177.
- Fonseca, A. C. & Monteiro, C. M. (1999). Um Inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O Youth Self-Report de Achenbach. *Psychologica*, 21, 79-96.
- Fuertes, M. & Luís, H. (2014). Vinculação, práticas educativas na primeira infância e intervenção precoce. *Interações*, 30, 1-7.

- Kuryan, R., Kitner, K., & Watkins, J. (2010). ICTs, development and trust: An overview. *Information Technology & People*, 23 (3), 216-221.
- Leadbeater, B. J., Kuperminc, G. P., Blatt, S. J., & Hertzog, C. (1999). A multivariate model of gender differences in adolescents' internalizing and externalizing problems. *Developmental Psychology*, 35 (5), 1268-1282.
- Linhares, M. B. M., Loureiro, S. R., Marturano, E. M. & Stevanato, I. S. (2003). Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, 8 (1) 67-76.
- Lisboa, C. S. M. & Koller, S. H. (2001). Construção e validação de conteúdo de uma escala de percepção, por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola. *Psicologia em Estudo*, 6 (1), 59-69.
- Malti, T., Averdijk, M., Ribeaud, D., Rotenberg, K. J., & Eisner, M. P. (2013). "Do you trust Him?" Children's Trust Beliefs and Developmental Trajectories of Aggressive Behavior in an Ethnically Diverse Sample. *J Abnorm Child Psychol*, 41, 445-456.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir* (1ª ed.). Braga: Edições Psiquilíbrios.
- Morgado, A. M. & Dias, M. L. V. (2013). The antisocial phenomenon in adolescence: What is literature telling us? Aggression and violent behavior. *A Review Journal*, 18, 436-443.
- Morgado, A. M. & Dias, M. L.V. (2014). Adolescência e Delinquência: variáveis significativas para a construção de um modelo explicativo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15 (1), 278-292.
- Pacheco, A. P., Ferrer, R. C., & Figueiredo, B. (2003). Estilo de Vinculação, qualidade da relação com figuras significativas e da aliança terapêutica e sintomatologia psicopatológica. *Revista Internacional de Psicologia Clínica y de la Salud*, 3 (1), 35-59.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (1), 55-61.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarante, C. L. D., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 407-414.
- Pinhel, J., Torres, N. & Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, 27 (4), 509-521.
- Randall, R. N., Rotenberg, K. J. Totenhagen, C. J., Rock, M., & Harmon, C. (2010). A new scale for the assessment of adolescent's trust beliefs. In K. J. Rotenberg (Eds.). *Interpersonal trust during childhood and*

- adolescence*. (pp. 247-269). University of Keele: Cambridge University Press.
- Rotenberg, K. J., Boulton, M. J. & Fox, C. L. (2005). Cross-sectional and longitudinal relations among children's trust beliefs, psychological maladjustment and social relationships: Are very high as well as very low trusting children at risk? *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33 (5), 595-610.
- Rotenberg, K. J. (1991). The trust-value basics of children's friendship. In K. J. Rotenberg (Eds.). *Children's Interpersonal Trust: Sensitivity to Lying, Deception, and Promise Violations*. (pp. 160-161). Springer-Verlag: New York.
- Rotenberg, K. J. (1994). Loneliness and interpersonal trust. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 13 (2), 152-173.
- Rotenberg, K. J. (1995). The socialization of trust: Parents' and children's interpersonal trust. *International Journal of Behavioral Development*, 18 (4), 713-726.
- Rotenberg, K. J. (2001). Interpersonal trust across lifespan. In P. B. Baltes, & J. Smelser (Eds.). *International encyclopedia of social and behavioral sciences* (pp. 7866-7868). Pergamon: New York.
- Rotenberg, K. J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: a basis, domain and target framework. In K. J. Rotenberg (Eds.). *Interpersonal trust during childhood and adolescence*. (pp. 8-27). University of Keele: Cambridge University Press.
- Rotenberg, K. J., Betts, L. R., Eisner, M., & Ribeaud, D. (2012). Social antecedents of children's Trustworthiness. *Infant and Child Development*, 21, 310-322.
- Rotenberg, K. J., Fox, C., Green, S., Ruderman, L., Slater, K., & Carlo, G. (2005). Construction and validation of a children's interpersonal trust beliefs scale. *British Journal of Developmental Psychology*, 23, 271-291.
- Rotenberg, K. J., Fox, C., Green, S., Ruderman, L., Slater, K., Stevens, K., & Carlo, G. (2005). Construction and validation of a children's interpersonal trust beliefs scale. *British Journal of Developmental Psychology*, 23, 271-291.
- Rotenberg, K. J., MacDonald, K. J., & King, E. M. (2004). The relationship between loneliness and interpersonal trust during middle childhood. *The Journal of Genetic Psychology*, 165, 233-249.
- Rotter, J. B. (1967). A new scale for the measurement of interpersonal trust. *Journal of Personality*, 35, 651-665.
- Rotter, J. B. (1971). Generalized expectancies for interpersonal trust. *American Psychologist*, 26, 443-452.
- Rotter, J. B. (1973). The future of clinical Psychology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 40 (2), 313-321.
- Rotter, J. B. (1980). Interpersonal trust, trustworthiness, and gullibility. *American Psychologist*, 35 (1), 1-7.
- Serra, A. V. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, 2, 101-110.
- Simões, M. (1994). Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das

- Matrizes Progressivas de Raven. Dissertação de Doutoramento em Psicologia. Especialização em Avaliação Psicológica apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. (pp.397-398). Universidade de Coimbra.
- Simpson, J. A., (2007). Psychological Foundations of Trust. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 264-268.
- Sousa, M. C., Araújo, B., & Vieira, M. (2014). Perceção do adolescente com paralisia cerebral acerca da qualidade da vinculação. *Revista de Enfermagem Referência*, 4 (2), 93-100.
- Szczesniak, M., Colaço, M., & Rondón, G. (2012). Development of interpersonal trust among children and adolescents. *Polish Psychological Bulletin*, 43 (1), 50-58.
- Tschannen-Moran, M. & Hoy, W. K. (2000). A multidisciplinary analysis of the nature, meaning and measurement of trust. *Review of Educational Research*, 70 (4), 547-593.
- Vale-Dias, M. L. & Franco-Borges, G. (2014). *Adaptação portuguesa de Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents*. Documento não publicado.
- Vasconcelos, C., Praia, J. F., & Almeida, L. S. (2003). Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução à aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7 (1), 11-19.

Anexos

Anexo I – Questionário Sociodemográfico

Formulário – Dados Pessoais (*)

(Pré-adolescentes e adolescentes)

ID _____

Data _____

1. **Idade** Data de Nascimento _____

2. **Sexo** 1. _____ Masculino

2. _____ Feminino

3. **Língua materna.** Em que língua ou dialecto falas em casa?

____ 1. Português

____ 2. Outra _____ (especifica)

4. **Grau de Escolaridade.** Qual o ano de escolaridade que frequentas? _____

5. **Estrutura Familiar.** Com quem vives? _____

Poder e Prestígio Interpessoal na tua Família

6. Na tua família, quem é que tem normalmente as melhores ideias que são seguidas pelos outros membros da família? **Assinala apenas uma opção:**

____ 1. Mãe

____ 2. Pai

7. Quem é que tu mais admiras pessoalmente ou respeitas mais na tua família? **Assinala apenas uma opção:**

____ 1. Mãe

____ 2. Pai

Formulário Dados Pessoais – Pais (*)

ID _____ Data _____

1. **Idade.** Data de nascimento da Mãe _____
Data de nascimento do Pai _____

2. Língua materna.

Mãe	Pai
___ 1. Português	___ 1. Português
___ 2. Outra _____ (especifique)	___ 2. Outra _____ (especifique)

3. Educação.

Qual o maior grau de escolaridade concluído?

Assinalar a situação do pai e da mãe com um **P** e um **M**

- ___ 1. Menos que o 12º ano. Qual? _____
___ 2. 12º ano
___ 3. 12º ano, mais diploma profissional específico
___ 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura
___ 5. Licenciatura ou grau equivalente
___ 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutoramento)

4. Emprego.

Encontra-se actualmente empregado(a)?

Assinalar a situação do pai e da mãe com um **P** e um **M**

- ___ 1. Desempregado(a) e não à procura de emprego (incluindo situação de reforma, incapacidade, etc.)
___ 2. Desempregado(a), à procura de trabalho
___ 3. Empregado(a) a tempo parcial
___ 4. Empregado(a) a tempo inteiro
___ 5. Outra _____ (especificar)

5. **Ocupação.** Qual a sua principal ocupação (incluindo o cuidado lar)?

i. Designação _____

ii. Quais as sua principais obrigações?

6. **Estatuto marital.** Assinale todas as situações que se adequam ao pai (**P**) e à mãe (**M**).

___ 1. Casado(a) e a viver com o cônjuge

___ 2. Casado(a) mas a viver com alguém sem ser o cônjuge

___ 3. Não casado(a), mas a viver com alguém (união consensual)

___ 4. Separado (i.e., casado(a), mas não a viver com o cônjuge)

___ 5. Divorciado(a)

___ 6. Viúvo(a)

___ 7. Solteiro (nunca casado)

Anexo II – Inventário de Problemas do Comportamento – *Youth Self-Report* (YSR)

Inventário do Comportamento

Instruções: Apresenta-se a seguir uma lista de frases que se utilizam para descrever rapazes e raparigas. Leia cada uma delas e indique até que ponto elas descrevem a maneira como é **actualmente** ou tem sido durante os últimos 6 meses. Coloque um círculo à volta do 2 se, tanto quanto é do seu conhecimento, essa descrição é **muitas vezes verdadeira**. Se a descrição só for às **vezes verdadeira**, coloque o círculo à volta do 1. Se a descrição for **não verdadeira**, coloque o círculo à volta do 0.

0= Não verdadeira
1= Às vezes verdadeira
2= Muitas vezes verdadeira

- | | | | |
|---|---|---|---|
| 1. Comporto-me de uma maneira demasiado infantil para a minha idade..... | 0 | 1 | 2 |
| 2. Tenho uma alergia..... | 0 | 1 | 2 |
| (descreva): _____ | | | |
| 3. Discuto por tudo e por nada..... | 0 | 1 | 2 |
| 4. Tenho asma..... | 0 | 1 | 2 |
| 5. Comporto-me como se fosse do sexo oposto..... | 0 | 1 | 2 |
| 6. Gosto de animais..... | 0 | 1 | 2 |
| 7. Sou fanfarrão ou gabarola..... | 0 | 1 | 2 |
| 8. Não consigo concentrar-me, sou incapaz de estar atento(a) durante muito tempo..... | 0 | 1 | 2 |
| 9. Não consigo livrar-me de certos pensamentos ou obsessões..... | 0 | 1 | 2 |
| (descreva): _____ | | | |
| 10. Não sou capaz de me manter sentado(a), sou irrequieto(a) ou hiperactivo(a)..... | 0 | 1 | 2 |
| 11. Prendo-me aos adultos, sou demasiado dependente..... | 0 | 1 | 2 |
| 12. Sinto-me sozinho(a)..... | 0 | 1 | 2 |
| 13. Sinto-me confuso(a) ou desorientado(a)..... | 0 | 1 | 2 |
| 14. Choro muito..... | 0 | 1 | 2 |
| 15. Sou muito honesto(a)..... | 0 | 1 | 2 |
| 16. Sou cruel, violento(a) ou mesquinho(a) para com os outros..... | 0 | 1 | 2 |
| 17. Sonho acordado(a) ou perco-me nos meus pensamentos..... | 0 | 1 | 2 |
| 18. Firo-me de propósito ou tenho tentado suicidar-me..... | 0 | 1 | 2 |
| 19. Estou sempre a exigir atenção..... | 0 | 1 | 2 |
| 20. Destruo as minhas próprias coisas..... | 0 | 1 | 2 |
| 21. Destruo coisas da minha família ou dos colegas..... | 0 | 1 | 2 |
| 22. Desobedeço aos meus pais ou familiares mais velhos..... | 0 | 1 | 2 |
| 23. Sou desobediente no trabalho..... | 0 | 1 | 2 |
| 24. Não como tão bem como devia..... | 0 | 1 | 2 |
| 25. Não me dou bem com as outras pessoas..... | 0 | 1 | 2 |
| 26. Não me sinto culpado(a) depois de me ter comportado(a) mal..... | 0 | 1 | 2 |
| 27. Sou invejoso(a) por tudo e por nada..... | 0 | 1 | 2 |
| 28. Gosto de ajudar os outros quando eles precisam..... | 0 | 1 | 2 |
| 29. Tenho medo de certos animais, situações ou lugares (sem ser medo de | | | |

trabalhar).....	0	1	2
30. Tenho medo de ir trabalhar.....	0	1	2
31. Tenho medo de poder pensar ou fazer qualquer coisa de mal.....	0	1	2
32. Sinto que tenho de ser perfeito(a).....	0	1	2
33. Sinto ou queixo-me de que ninguém gosta de mim.....	0	1	2
34. Sinto que os outros andam atrás de mim para me apanharem (sinto-me perseguido/a).....	0	1	2
35. Acho-me sem valor ou sinto-me inferior aos outros.....	0	1	2
36. Magoo-me muito, em acidentes.....	0	1	2
37. Meto-me em muitas bulhas.....	0	1	2
38. Fazem pouco de mim frequentemente.....	0	1	2
39. Ando com outros que se metem em sarilhos.....	0	1	2
40. Ouço sons ou vozes que não existem.....	0	1	2
(descreva): _____			
41. Sou impulsivo(a) ou faço as coisas sem pensar.....	0	1	2
42. Gosto mais de estar sozinho(a) que acompanhado(a).....	0	1	2
43. Sou mentiroso(a) ou batoteiro(a).....	0	1	2
44. Gosto de roer as unhas.....	0	1	2
45. Sou nervoso(a), excitável ou tenso(a).....	0	1	2
46. Tenho movimentos nervosos ou tiques.....	0	1	2
(descreva): _____			
47. Tenho pesadelos.....	0	1	2
48. Os outros colegas não gostam de mim.....	0	1	2
49. Consigo fazer algumas coisas melhor do que os outros da minha idade.....	0	1	2
50. Sou demasiado medroso(a) ou ansioso(a).....	0	1	2
51. Tenho tonturas.....	0	1	2
52. Sinto-me demasiado culpado(a).....	0	1	2
53. Como demais.....	0	1	2
54. Canso-me demais.....	0	1	2
55. Tenho peso excessivo.....	0	1	2
56. Tenho problemas físicos sem causa médica conhecida:			
a. Dores (sem ser dores de cabeça).....	0	1	2
b. Dores de cabeça.....	0	1	2
c. Náuseas, enjões.....	0	1	2
d. Problemas de visão.....	0	1	2
(descreva-os): _____			
e. Irritações cutâneas ou outros problemas da pele.....	0	1	2
f. Dores de estômago ou câibras.....	0	1	2
g. Vômitos.....	0	1	2
h. Outros problemas.....	0	1	2

(descreva-os): _____			
57. Agrido fisicamente as pessoas.....	0	1	2
58. Arranco coisas do nariz, da pele ou de outras partes do corpo.....	0	1	2
(descreva): _____			
59. Consigo ser muito simpático(a).....	0	1	2
60. Gosto de experimentar coisas ou situações novas.....	0	1	2
61. O meu trabalho é fraco.....	0	1	2
62. Tenho fraca coordenação, sou desajeitado(a).....	0	1	2
63. Prefiro andar com colegas mais velhos(as).....	0	1	2
64. Prefiro andar com colegas mais novos(as).....	0	1	2
65. Recuso-me a falar.....	0	1	2
66. Repito insistentemente certos actos ou tenho compulsões.....	0	1	2
(descreva): _____			
67. Fujo de casa.....	0	1	2
68. Grito muito.....	0	1	2
69. Sou reservado(a), guardo as coisas para mim.....	0	1	2
70. Vejo coisas que não se encontram presentes.....	0	1	2
(descreva): _____			
71. Sinto-me embaraçado(a) ou pouco à vontade.....	0	1	2
72. Pego fogo de propósito.....	0	1	2
73. Consigo trabalhar bem com as minhas mãos.....	0	1	2
74. Gosto de me exhibir ou de fazer palhaçadas.....	0	1	2
75. Sou envergonhado(a) ou tímido(a).....	0	1	2
76. Durmo menos do que os outros da minha idade.....	0	1	2
77. Durmo mais do que os outros da minha idade durante o dia e/ou noite.....	0	1	2
(descreva): _____			
78. Tenho uma boa imaginação.....	0	1	2
79. Tenho problemas da fala.....	0	1	2
(descreva): _____			
80. Defendo bem os meus direitos (aquilo que é meu).....	0	1	2
81. Roubo em casa.....	0	1	2
82. Roubo fora de casa.....	0	1	2
83. Acumulo coisas de que não necessito.....	0	1	2
(descreva): _____			
84. Faço coisas que as outras pessoas acham estranhas.....	0	1	2
(descreva): _____			
85. Tenho ideias que as outras pessoas julgariam estranhas.....	0	1	2
(descreva): _____			
86. Sou teimoso(a).....	0	1	2
87. O meu humor ou os meus sentimentos mudam bruscamente.....	0	1	2

88. Gosto de estar com as outras pessoas.....	0	1	2
89. Sou desconfiado(a).....	0	1	2
90. Digo palavrões ou obscenidades.....	0	1	2
91. Penso em matar-me.....	0	1	2
92. Gosto de fazer rir os outros.....	0	1	2
(descreva): _____			
93. Falo demasiado.....	0	1	2
94. Arrelio muito os outros.....	0	1	2
95. Tenho birras, exalto-me facilmente.....	0	1	2
96. Penso demasiado em sexo.....	0	1	2
97. Ameaço as outras pessoas.....	0	1	2
98. Gosto de ajudar os outros.....	0	1	2
99. Preocupo-me demasiado com a limpeza e o asseio.....	0	1	2
100. Tenho dificuldade em dormir.....	0	1	2
(descreva): _____			
101. Falto ao trabalho.....	0	1	2
102. Não tenho muita energia.....	0	1	2
103. Sou infeliz, triste ou deprimido(a).....	0	1	2
104. Sou mais barulhento(a) que os outros da minha idade.....	0	1	2
105. Consumo bebidas alcoólicas, drogas ou remédios sem recomendação médica.....	0	1	2
(descreva): _____			
106. Procuro ser justo com os outros.....	0	1	2
107. Gosto de anedotas.....	0	1	2
108. Gosto de viver sem me preocupar muito com as coisas.....	0	1	2
109. Procuro ajudar as outras pessoas sempre que posso.....	0	1	2
110. Gostaria de ser do sexo oposto.....	0	1	2
111. Não me misturo com os outros.....	0	1	2
112. Tenho muitas preocupações.....	0	1	2

113. Por favor, indique aqui o que melhor descreve os seus sentimentos, comportamentos ou interesses:

	Sim	Não
114. Já alguma vez foi ao psicólogo ou psiquiatra?.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se <u>sim</u> , indica porquê _____		
115. Já teve aulas de apoio ou andou no Ensino Especial?.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando? _____		

Anexo III – Consentimento Informado



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

Ex.m^oa Senhor(a) Encarregado de Educação,

Solicitamos a vossa autorização para o(a) vosso(a) educando(a) participar num estudo sobre algumas variáveis do rendimento escolar, através do preenchimento de questionários durante o horário reservado para a Educação Para a Cidadania - EPC. Os dados permanecerão anónimos e destinam-se a retirar algumas conclusões sobre medidas que favoreçam o percurso académico dos alunos. Esta recolha realiza-se no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia – Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento – da FPCE-UC. Muito obrigada pela vossa colaboração.

Maria da Luz Vale Dias
Prof. Responsável
valedias@fpce.uc.pt

Carla Costa
Estudante finalista de Psicologia

Eu,, Encarregado de Educação do aluno
....., com o n^o
..... da turma..... do Ano, autorizo a participação do meu educando no estudo referido.



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

Ex.m^oa Senhor(a) Encarregado de Educação,

Solicitamos a vossa autorização para o(a) vosso(a) educando(a) participar num estudo sobre algumas variáveis do rendimento escolar, através do preenchimento de questionários durante o horário reservado para a Educação Para a Cidadania - EPC. Os dados permanecerão anónimos e destinam-se a retirar algumas conclusões sobre medidas que favoreçam o percurso académico dos alunos. Esta recolha realiza-se no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia – Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento – da FPCE-UC. Muito obrigada pela vossa colaboração.

Maria da Luz Vale Dias
Prof. Responsável
valedias@fpce.uc.pt

Carla Costa
Estudante finalista de Psicologia

Eu,, Encarregado de Educação do aluno
....., com o n^o
..... da turma..... do Ano, autorizo a participação do meu educando no estudo referido.



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

Ex.m^oa Senhor(a) Encarregado de Educação,

Solicitamos a vossa autorização para o(a) vosso(a) educando(a) participar num estudo sobre algumas variáveis do rendimento escolar, através do preenchimento de questionários durante o horário reservado para a Educação Para a Cidadania - EPC. Os dados permanecerão anónimos e destinam-se a retirar algumas conclusões sobre medidas que favoreçam o percurso académico dos alunos. Esta recolha realiza-se no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia – Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento – da FPCE-UC. Muito obrigada pela vossa colaboração.

Maria da Luz Vale Dias
Prof. Responsável
valedias@fpce.uc.pt

Carla Costa
Estudante finalista de Psicologia

Eu,, Encarregado de Educação do aluno
....., com o n^o
..... da turma..... do Ano, autorizo a participação do meu educando no estudo referido.